Capítulo V — Continuação do precedente

Nada mais sério do que os motivos alegados pelos Padres para fazer estudar à adolescência cristã os autores do paganismo e permitir-lhe frequentar as suas escolas. Contudo, coisa digna da maior atenção: sobre este ponto os próprios Padres não estão de acordo entre si. Conforme ao espírito das Constituições Apostólicas, o maior número[1] pronunciou-se formalmente contra esse gênero de instrução, em razão do perigo que fazia correr à fé e aos costumes. Os outros pensam que os adolescentes podem entregar-se a ele, mas com reserva e grandes precauções. Em nome dos que o autorizam, ouçamos Tertuliano, são Gregório de Nazianzo e são Basílio; ouviremos mais adiante os que o defendem:

> *Quando uma criança, diz Tertuliano, educada na fé e embebida dos seus princípios, vem à escola (de um mestre pagão), deve ser prevenida e premunida contra o erro. Preservar-se-á dele; aprenderá a letra que lhe é útil e desprezará uma doutrina ímpia e mentirosa, sobre a qual de antemão sabe o que pensar.*[2]

> *É o sentimento comum de todos os homens de bom senso, diz por sua vez são Gregório de Nazianzo, que, na primeira fileira dos bens que o homem recebeu em partilha, se deve pôr a instrução. Não falo apenas desses conhecimentos de uma ordem de coisas sobrenatural, e que podem ser bem alheios a todas as graças, a todos os ornamentos da linguagem... Tenho em vista também essa instrução que está fora da fé e dos seus dogmas, esses conhecimentos que a maioria dos cristãos considera vãos e ilusórios, cheios de perigos, que só servem para afastar as almas de Deus, e que por isso desprezam e abominam.*[3]

O desacordo que assinalamos vai se enfraquecendo, à medida que o cristianismo estende o seu império e que os seus livros se multiplicam; por conseguinte, à medida que os motivos de estudar o paganismo e de lhe fazer empréstimos perdem valor. Assim, vemos o mesmo são Gregório de Nazianzo, que se mostrara tão favorável ao estudo das letras pagãs, modificar a sua opinião e, no fim da vida, escrever nestes termos a um amigo, Adamâncio, que lhe pede livros de literatura:

>

> *Esses livros que me pedes, tornado criança para estudar retórica, pu-los de lado desde o dia em que, obedecendo à inspiração divina, voltei os olhos para o céu. Era preciso que todos os jogos da infância tivessem um fim; era preciso deixar de balbuciar para aspirar enfim à verdadeira ciência, e sacrificar ao Verbo todos esses discursos frívolos, com tudo o que fizera até então o encanto dos meus ócios. Mas tu, já que resolveste dar a preferência ao que deve ocupar o segundo lugar; já que nada do que se te possa dizer te desviaria desse intento, aí tens os meus livros. Envio-te todos os que escaparam aos vermes e que a fumaça não enegreceu, nesses ganchos em que os havia pendurado, acima da minha lareira, como o piloto que se retirou do mar suspende o seu leme. Exorto-te, contudo, a estudar os sofistas amplamente e com ardor. Adquire todos os conhecimentos necessários e reparte-os com a juventude, contanto que o temor de Deus domine todas essas vaidades.*[4]

Mas eis do mesmo Padre algo mais grave. No elogio de santo Atanásio, Gregório, levado por justa admiração pelo generoso defensor da fé, louva-o sem restrição por ter abandonado cedo o cultivo das letras e das ciências humanas.

> *Foi educado, diz ele, nos bons costumes e iniciado nas ciências e nas letras; mas, logo que aprendeu o bastante para não parecer de todo inculto e ignorante nessa ordem de coisas, consagrou-se inteiramente à meditação dos livros santos.*[5]

Que diferença entre esta linguagem do santo doutor e certas passagens das suas cartas! Seu amigo Basílio sofre a mesma influência. Depois do batismo, passa a lamentar como um sonho todo o tempo da sua vida que consumiu nos estudos literários e filosóficos:

> *Despertei, diz ele, como de um sono profundo; e, tão logo a luz do Evangelho veio esclarecer os meus olhos, reconheci a vaidade da ciência e da sabedoria humanas... Desde que converso com Moisés e Elias, escreve a Libânio, e que recebo da sua língua bárbara as lições que devo transmitir aos meus irmãos, esqueci por completo o que aprendi na vossa escola.*[6]

Pela influência que exerciam na Igreja homens como Atanásio, Basílio e os dois Gregórios, pode-se julgar a disposição geral dos espíritos antes do fim do século IV.[7]

Desde o começo do século V, estabelece-se o acordo sobre esta grande questão. Havia-se enfim aberto os olhos sobre os perigos do ensino profano: as repugnâncias da maioria dos cristãos, como diz são Gregório, eram reconhecidas bem fundadas. Compreendia-se doravante

> *que não se podia esperar o triunfo completo do Evangelho e dos costumes cristãos sobre a idolatria e sobre os costumes tão corrompidos dos gregos e dos romanos, enquanto a juventude das escolas haurisse as suas ideias, alimentasse a sua imaginação, tomasse a regra dos seus juízos no estudo das obras da antiguidade. Uma nova moral, novas leis, um novo mundo não podia sair, pela educação, senão de uma nova literatura.*[8]

—

> *Como era possível, diz um filósofo moderno, aliar o cristianismo à herança dos povos antigos? As tradições antigas, a lembrança das grandes ações passadas, a dos antepassados que haviam adquirido tão grande renome, tão grande poder aos seus netos, tudo isso atraía os espíritos num sentido, e o cristianismo, com as suas promessas, em outro.*[9]

Três grandes atletas, são João Crisóstomo, são Jerônimo, santo Agostinho, são suscitados por Deus para encerrar os debates, acabar com a escola pagã e abrir uma era nova. Os três atacam o paganismo clássico precisamente sob os mesmos aspectos que o fazem tão estimado desde a Renascença. Inútil como filosofia, vão como literatura, perigoso como moral: eis o tríplice estigma que lhe burilam na fronte.

> *De que mal, exclama o primeiro, estamos pois ameaçados se ignorarmos as belas-letras (isto é, a literatura profana)? Não é só entre nós, que rimos de toda essa vã sabedoria, de toda essa arte que nos é estranha, que as letras não têm preço algum. Filósofos que não nos pertencem não fizeram delas caso algum... O que não os impediu de adquirir justa celebridade... Quão censuráveis não seríamos nós, esclarecidos pela fé, se fôssemos fazer tanto caso de um talento desdenhado por aqueles mesmos que só se nutrem de vento; e se, para a aquisição de coisa tão vã, corrêssemos o risco de sacrificar o que só é necessário!... Os apóstolos, e grande número de santos personagens que não haviam estudado essa literatura, nem por isso deixaram de converter o mundo; ao passo que nenhum filósofo conseguiu ainda converter um tirano...*

Depois de expor todos os perigos desse estudo, acrescenta:

> *Não seria o último grau da crueldade lançar na arena, em meio de tantos inimigos, pobres crianças que nem sequer são capazes de defender-se contra si*

> *mesmas?*[10]

O segundo parece ter escrito o seu admirável tratado *Da doutrina cristã* para desgostar para sempre os jovens cristãos do paganismo clássico.

> *Com efeito, diz M. Lalanne, em meio aos excelentes conselhos que o santo doutor dá sobre a eloquência, impressiona primeiro a sua reserva em não citar nem nomear nenhum escritor profano. Em vez de aconselhar, como o fazem ainda os nossos retóricos, as obras de Cícero, de Demóstenes, de Tito Lívio, passa-as inteiramente em silêncio, e acrescenta: "Não nos faltam escritores eclesiásticos, independentemente dos que o Espírito Santo inspirou, em cujas obras um homem capaz saberá haurir sem nenhum esforço, apenas lendo-as com atenção, modelos de eloquência, e só lhe restará exercitar-se bem, seja em escrever, seja em ditar, e enfim em falar como a piedade lho inspirar."*[11]

Quanto a são Jerônimo, foi, como se sabe, o Orígenes do seu tempo, o sábio em quem toda a ciência eclesiástica dos séculos passados se resumia de algum modo.[12] Fizera excelentes estudos com mestres pagãos, e já era muito instruído quando se dedicou inteiramente ao serviço da religião. No vigor da idade e em meio aos mais sérios trabalhos literários, escreveu ao papa Dâmaso, a propósito de um versículo da parábola do filho pródigo, em que se diz que esse jovem desejava, para aliviar a fome, as cascas que se atiravam aos porcos:

> *Pode-se entender por alimento dos porcos a poesia, a falsa filosofia do mundo, a vã eloquência dos oradores. A sua agradável cadência e a sua doce harmonia, lisonjeando o ouvido, apoderam-se do espírito e encantam o coração; mas, depois de lidas com muita aplicação obras desse gênero, não se encontra em si senão vazio e uma espécie de atordoamento. E não nos iludamos dizendo que não damos fé às fábulas de que esses autores encheram os seus escritos. Essa razão não nos justifica, pois não deixamos de escandalizar os outros, que creem que aprovamos o que nos veem ler.*[13]

Na sequência desta obra, citaremos do mesmo santo doutor outros juízos igualmente precisos e muito mais severos.

Para resumir em poucas linhas toda esta discussão sobre o paganismo clássico nos primeiros séculos, diremos com o sábio autor que já citamos:

> *Depois dessa grande e miraculosa revolução, operada por homens de quem se pôde dizer: "as cousas fracas do mundo escolheo Deos, para confundir as fortes" (1 Cor 1, 27), o cristianismo se apresenta na pessoa dos seus propagadores com todo o prestígio, com todo o brilho das letras e das ciências que admirava o paganismo. Era o vencedor que se apoderava e se revestia das armas do inimigo vencido: precisou delas por um momento para a defesa e para o ataque. Serviu-se delas e exortou os seus a tornarem-se capazes de manejá-las. Mas logo, sentindo que essa armadura estranha, e que não era feita para ele, o feria e lhe ficava mal, despojou-se dela peça por peça; ou, já não fazendo dela senão pouco caso, deixou de procurá-la. Em presença do colosso da barbárie, entrou na liça com as suas vestes mais simples, com a única arma da cruz, como aquele jovem pastor que ia com uma funda derrubar um gigante: um e outro haviam posto a sua confiança em Deus.*[14]

Do século VI até meados do século XV, deixou-se de fazer uso, falando em geral, ou só de maneira muito secundária, dos autores pagãos na educação da juventude.

> *Desde a entrada do século V, encontramos diante de nós três grandes homens, alunos do século IV, herdeiros de toda a sua ciência filosófica e literária, dignos de encerrar essa brilhante legião de inteligências escolhidas que tanto haviam ilustrado a Igreja. Vimo-los dar, de algum modo, à posteridade o sinal dessa grande deserção dos templos literários da Grécia, e do Pórtico, e da Academia, e de Atenas, e do Museu, como de Corinto e de Pafos; e, com mão corajosa, precipitar o mundo numa noite momentânea para fazê-lo perder de vista as falsas luzes que o desencaminhavam.*[15]

A Providência secundava a sua ação pelos grandes acontecimentos que então se cumpriram. O império romano, com os seus monumentos, e as suas artes, e os seus retores, e os seus livros, perecia sob os golpes dos bárbaros. Ao mesmo tempo, um pontífice grande entre todos tornava-se o criador de uma literatura e de uma língua novas, expressão perfeitamente pura da sociedade cristã, a única que permanecera de pé entre as ruínas. Esse pontífice é são Gregório, de quem teremos várias vezes ocasião de falar no prosseguimento das nossas pesquisas.

Notas

[1] Cotellier conta onze.

[2] *De Idol.*, cap. 40.

[3] *Orais. funèb. de S. Basile* [Oração fúnebre de são Basílio].

[4] Carta 199.

[5] *Elog. de S. Athan.* [Elogio de santo Atanásio]. Ver o Sr. abade Lalanne, licenciado em letras, *De l'influence des Pères* [Da influência dos Padres], etc., p. 68.

[6] Carta 339.

[7] Lalanne, p. 69.

[8] *Id.*, p. 74.

[9] Ritter, *Hist. phil.*, t. IV, cap. 19.

[10] *... Nullus est qui se ita facturum polliceatur. Cum vero nullus sit, summæ crudelitatis esset eum, qui ne seipsum quidem defendere possit, sed jaceat innumeris confossus vulneribus, aliosque infirmiores reddat, in medio concidi permittere, cum oporteret eum a pugna summovere.* [... Não há quem prometa fazê-lo assim. Como não há ninguém, seria suma crueldade deixar que seja massacrado no meio da peleja aquele que nem a si mesmo pode defender, mas jaz traspassado de inúmeras feridas e debilita os outros mais fracos, quando se devia retirá-lo da luta.] *Adv. oppugn. vit. monast.*, liv. III, n. 12, 13, *opp.* t. I, p. 418-421.

[11] *De doctr. christ.*, liv. IV, n. 4-7.

[12] *Quo latinus orbis nil habet doctius.* [Do qual o mundo latino nada tem de mais douto.] Erasmo, ep. I, v. 19.

[13] Ep. 146 *ad Damas.*, *De duob. filiis*. Lalanne, p. 402.

[14] *Id.*, p. 408.

[15] *Id.*, *ib.*

Revision #1
Created 22 November 2026 17:19:14 by Admin
Updated 22 November 2026 17:19:14 by Admin